

Élisée Reclus: pensamento libertário e geografia social

Élisée Reclus: libertarian thinking and social geography

Élisée Reclus: pensée libertaire et géographie sociale



Sergio Aparecido Nabarro

Université Paris I (Panthéon-Sorbonne), Institut de Géographie - Paris - França

sergionabarro@gmail.com

Resumo: O presente texto reúne os resultados preliminares de uma extensa pesquisa sobre o aporte teórico-metodológico proposto pelo anarquista-geógrafo francês Jacques Élisée Reclus (1830-1905). Aqui, a tese defendida é de que há uma relação dialética entre a sua produção intelectual, com destaque à construção metodológica, e suas ações sociais como militante ácrata. Para tanto, e como recurso didático para facilitar a compreensão do leitor, o trabalho foi dividido em três partes: na primeira, a partir de extensa pesquisa documental e bibliográfica, busca-se levantar e analisar fatos importantes da vida do pensador ácrata que estariam entre os delineadores de elaboração teórica, política e metodológica, fundamentais para a compreensão do seu pensamento. Em um segundo momento, busca-se compreender as premissas pelas quais seu pensamento se fundamenta, ou seja, os pressupostos que sustentam seu método geográfico. Na terceira e última parte, apresenta-se uma análise da proposta metodológica de Reclus, a Geografia Social, baseada na dialética evolução-revolução para a compreensão das relações homem-meio e de suas contradições.

Palavras-chave: Élisée Reclus. Premissas ácratas. Evolução-revolução. Geografia social.

Abstract: The following text presents the preliminary results of an extensive

extensive research on the theoretical-methodological contribution proposed by the French anarchist-geographer Jacques Élisée Reclus (1830-1905). Here, the defended thesis is that there is a dialectical relationship between his intellectual production, with emphasis on the methodological construction, and his social actions as an aggrieved militant. For this purpose, and as a didactic resource to facilitate the reader's understanding, the work was divided in three parts. In the first, based on extensive documentary and bibliographic research, we seek to raise and analyze important facts in the life of the anarchist thinker that would be among the theoretical, political and methodological elaboration outliers, fundamental for his thought understanding. In a second step, it seeks to understand the premises on which his thinking is based, that is, the assumptions that support his geographical method. In the third and last part, it presents the Reclus' methodological proposal analysis, Social Geography, based on the evolution-revolution dialectic for the man-environment relations understanding and their contradictions.

Keywords: Élisée Reclus. Anarchist assumptions. Evolution-revolution. Social geography.

Résumé: Cet article rassemble les résultats préliminaires d'une recherche approfondie sur la contribution théorique et méthodologique proposée par le géographe-anarchiste français Jacques Élisée Reclus (1830-1905). Ici, la thèse défendue est qu'il existe une relation dialectique entre sa production intellectuelle, en mettant l'accent sur la construction méthodologique, et ses actions sociales en tant que militant lésé. À cette fin, et en tant que ressource didactique pour faciliter la compréhension du lecteur, le travail est divisé en trois parties: dans la première, sur la base de recherches documentaires et bibliographiques approfondies, nous cherchons à soulever et à analyser des faits importants dans la vie du penseur anarchiste qui seraient parmi les valeurs aberrantes élaboration théorique, politique et méthodologique, fondamentale pour la compréhension de sa pensée. Dans un deuxième temps, il cherche à comprendre les prémisses sur lesquelles se fonde sa pensée, c'est-à-dire les hypothèses qui soutiennent sa méthode géographique. Dans la troisième et dernière partie, il présente une analyse de la proposition méthodologique de Reclus, la géographie sociale, basée sur la dialectique évolution-révolution pour la compréhension des relations homme-environnement et de leurs contradictions.

Mots-clés: Élisée Reclus. Principes anarchistes. Évolution-révolution. Géographie sociale.

Introdução

A partir dos anos 1970, na França, e da década de 1980, em outros países, incluindo o Brasil, o pensamento do anarquista-geógrafo francês Jacques Élisée Reclus (1830-1905) vem sendo retomado. Entretanto, ao tornar-se objeto de muitos estudos acadêmicos, principalmente dos manuais de epistemologia da geografia, sua obra e, principalmente, o aporte teórico-metodológico proposto por ele vêm sendo utilizados como uma espécie de parâmetro, ou exemplo, para aquilo que seria, ou não, considerada produção científica comprometida com a transformação social, com o combate às desigualdades etc.

Este entendimento é bastante problemático porque, na maior parte dos estudos desta natureza (CAPEL, 1982; ANDRADE, 1985; BERDOULAU, 1995; MORAES, 2005; CLAVAL, 2011), vida, obra e método do pensador não são profundamente analisados e/ou adequadamente situados no tempo e no espaço, porém são referências mais utilizadas por leitores que desejam entender o básico sobre o pensamento de Reclus.

Uma análise sobre o anarquista-geógrafo deve estar necessariamente ancorada na simbiose entre vida, obra e método e na relação destas três dimensões com sua fidelidade aos pressupostos ácratas, bem como sua intensa militância, pois, avesso a instituições como Estado e Igreja – que segundo ele impõem regras morais e jurídicas para legitimar as injustiças existentes na sociedade que está posta – insere o conhecimento geográfico entre os questionadores “ordem”.

Ele não foi propriamente um geógrafo à frente do seu tempo, mas um intelectual que, em virtude do seu vasto conhecimento de mundo, da fidelidade às premissas anarquistas e do profundo conhecimento sobre as principais teorias sociais propostas no século XIX, conseguiu compreender geograficamente os meandros da dinâmica político-social do período em que viveu. Assim, propôs um método de análise, baseado na dialética evolução-revolução, articulado por três elementos básicos (luta de classes, busca pelo equilíbrio e decisão soberana do indivíduo) chamados por ele de leis. (RECLUS, 1880c, 1902, 1905; ZAAR, 2015)

Ao partir dos pressupostos de que: 1) a sociedade se reproduz com base em interesses antagônicos; 2) é preciso combater as desigualdades; e, 3) uma sociedade mais justa implica, necessariamente, na ampliação das liberdades e na participação popular, Reclus elabora uma análise geográfica bastante

particular no contexto do final do século XIX, ao defender, por exemplo, a unicidade da geografia. Além disso, posicionou-se criticamente em relação ao darwinismo social, muito presente no pensamento social europeu na época. (RECLUS, 1880b, 1880c, 1900 e 1904; PELLETIER, 2011a, 2011b e 2013; FERRETTI, 2014 e 2018; CHOLLIER e FERRETTI, 2018)

Diante do cenário apresentado, este texto pretende discutir a articulação dos elementos geográficos e políticos para a compreensão do método de Élisée Reclus. Para isso, analisamos as principais obras sobre a vida do autor e as obras do próprio pensador, as quais apresentam análises que articulam seus princípios básicos sobre política e geografia.

Para fins didáticos, ele está dividido em três partes: na primeira delas, são apresentadas algumas considerações importantes sobre a sua vida que influenciaram profundamente em sua trajetória intelectual. A segunda parte é dedicada à compreensão dos principais elementos que sustentam seu pensamento. A terceira e última parte é dedicada às considerações sobre o método geográfico proposto por ele, baseado no que denominou de Geografia Social.

Elementos para compreensão da articulação entre a vida e obra de Élisée Reclus

Não cabe aqui a tarefa de elaborar uma biografia de Reclus – como já fizeram Dunbar (1978), Vicente Mosquete (1983), Chardak (1997), Sarrazin (2004), Vincent (2010) –, nem mesmo elaborar uma cronologia crítico-analítica de sua vida e obra – como muito bem fizeram Brun (2014 e 2015) e Ferretti (2016) –, mas é muito importante destacar alguns acontecimentos que foram essenciais para delinear o pensamento ácrata de Reclus, bem como sua compreensão de Geografia e o seu método geográfico.

Jacques Élisée Reclus nasceu no interior da França, em 1830, sendo filho de um pastor protestante e de uma professora. Ele aprendeu muito cedo a importância da leitura na formação intelectual dos indivíduos (ANDRADE, 1985) e, sobretudo em sua convivência com o pai e outros membros da igreja protestante que frequentava, compreendeu o papel rígido e impositivo da religião e da igreja na formação moral dos indivíduos (VINCENT, 2010 e

CHARDAK, 1997).

Até o final de sua adolescência, Reclus mudou-se algumas vezes de cidade, residindo até na Alemanha, onde estudou parte de sua formação escolar básica. Em todos os lugares em que residiu, e nos locais pelos quais passava durante suas longas caminhadas, na companhia do irmão Élie, a paisagem era o elemento que mais o atraía, sobretudo as áreas onde havia rios e montanhas, como destacou em sua famosa obra *História de um Riacho* (RECLUS, 1869).

Não era apenas a beleza cênica das paisagens que chamava sua atenção, mas as esparsas moradias existentes nestas localidades. Ele queria entender o porquê de algumas pessoas ocuparem determinadas áreas e não outras, ou, por que tantas pessoas estavam concentradas em um mesmo lugar, enquanto em outros havia apenas esparsas moradias? (RECLUS, 1869 e 1905). Outra indagação de teor geográfico bem delineado era entender como as pessoas interferiam na natureza, modificando as paisagens para garantir o atendimento de suas necessidades imediatas, como: moradia, trabalho e alimentação. (RECLUS, 1869 e 1880a)

No entanto, para além dos questionamentos relativos à transformação da paisagem, o jovem Reclus, muito influenciado por seu irmão mais velho, Élie, também se interessava por política (VICENTE MOSQUETE, 1983; CHARDAK, 1997; VINCENT, 2010; ANDRADE, 1985), tendo em vista o período conturbado, do ponto de vista social e político, atravessado pela França no final dos anos 1840¹.

Neste período, durante o qual cursava teologia (curso não concluído por ele), Reclus passou a se interessar por filosofia política. De acordo com Boino (2010) e Pelletier (2011), foi nesta época que ele se aprofundou nos estudos sobre política e liberdade, deslocando seu interesse para obras de autores como o filósofo e teórico libertário francês Pierre-Joseph Proudhon (1809 – 1865), considerado um dos mais importantes teóricos do anarquismo do século XIX. Proudhon, primeiro intelectual abertamente anarquista, posicionou-se contrário à propriedade privada da terra e dos meios de produção, bem como avesso às organizações hierárquicas (PROUDHON, 1840).

Em 1850, envolvido pela leitura política anarquista e informado sobre as enormes tensões sociais em várias partes do território francês, Reclus escreveu seu primeiro texto, intitulado *O Desenvolvimento da Liberdade no Mundo*, no qual defende o fim de privilégios

privilégios aristocráticos e a liberdade política a todos os indivíduos. Mesmo ainda não se declarando abertamente como anarquista, é neste texto que ele profere pela primeira vez a célebre frase anarquista: *anarquia, a mais alta expressão da ordem* (RECLUS, 1925, n° 26, p. 2).

No final do ano seguinte, Élisée e seu irmão mais velho, Élie, lideraram, na comuna onde estavam residindo, no interior da França, algumas manifestações contra a tentativa de golpe de Luís Bonaparte (Napoleão III), que instauraria o Segundo Império Francês. Com o golpe consumado, os irmãos se exilam na Inglaterra para não serem presos. (VINCENT, 2010; BRUN, 2014)

De acordo com Zaar (2015), Reclus permaneceu poucos meses na capital inglesa (entre dezembro de 1851 e abril de 1852) porque aceitou um convite para trabalhar como administrador em uma fazenda na Irlanda. Este fato é particularmente importante porque foi durante seu trabalho na fazenda que percebeu a importância do acesso à terra como garantia de liberdade aos cidadãos, ou seja, que a propriedade da terra é uma condição necessária ao indivíduo, sobretudo para os trabalhadores rurais.

Desta forma, ele conseguiu compreender a lógica do processo de expropriação dos camponeses irlandeses pelos capitalistas ingleses e os mecanismos de exploração baseados na subtração da renda da terra. Percebeu, ainda, que a reprodução da sociedade ocorre por meio de um movimento dinâmico baseado em interesses antagônicos: a luta de classes. (RECLUS, 1905 e 1908). E nesse contexto, conseguiu identificar como a terra é um elemento basilar para a legitimação da dominação de uma classe sobre a outra. (RECLUS, 1880b, 1896 e 1902)

Durante este primeiro período no exílio, após pouco mais de um ano na Irlanda, Reclus viveu três anos nos Estados Unidos, onde conheceu uma realidade ainda mais dura (a escravidão), ao trabalhar como preceptor da família de um fazendeiro em Nova Orleans. Além da indignação com a normalidade com que a escravidão era encarada no sul dos Estados Unidos, Reclus se decepcionou – ainda mais – com a igreja, em virtude da anuência dada por esta instituição em relação ao trabalho escravo, à estigmatização dos negros e à violação dos direitos fundamentais dos trabalhadores escravizados em terras norte-americanas. Foi neste momento que passou a assumir mais abertamente as ideias ácratas e o ateísmo. (ANDRADE, 1985; GIBLIN, 2005a)

A indignação de Reclus o fez mudar-se dos Estados Unidos para Nova Granada (atual Colômbia) na América do Sul, para

colocar em prática um projeto pessoal: a criação de uma área de colonização bastante distinta das implementadas nos moldes capitalistas pelos europeus. Reclus queria atrair, em cinco anos, cerca de 50 mil pessoas em uma área na qual predominaria o trabalho livre, o respeito aos direitos fundamentais das pessoas e sem exploração da renda camponesa da terra (ZAAR, 2015). Mas o empreendimento não se concretizou, não passando da fase inicial (ANDRADE, 1985).

Assim, após sete anos no exílio, e com a saúde debilitada em virtude de ter contraído malária (VICENTE MOSQUETE, 1983; ZAAR, 2015), Reclus retornou à França, onde passou a ganhar a vida como escritor de guias de viagens e se envolveu definitivamente em atividades do movimento anarquista francês, no qual foi muito atuante (VINCENT, 2010).

No início dos anos 1860, Reclus começou a ganhar notoriedade no meio intelectual francês em virtude das análises contidas em alguns guias de viagens publicados sobre alguns lugares por onde passou. O caráter geográfico e bastante analítico de suas obras lhe rendeu o convite para participar da Sociedade Geográfica de Paris, passando a ser considerado oficialmente um geógrafo. Neste período, Reclus passou a colaborar com revistas e jornais anarquistas europeus por meio da escrita de artigos semanais ou mensais.

Os artigos publicados por Reclus, na década de 1860, expõem claramente seus princípios anarquistas, bem como seu entendimento de geografia, bastante distinto dos acadêmicos da época. Nestes textos, ele expõe sua contrariedade com o Estado, com a igreja, com o colonialismo e com a escravidão, além de, em tais textos, ele, inclusive, analisar o contexto brasileiro. (RECLUS, 1866 e 1857)

É nesta mesma década que Reclus escreveu e publicou sua primeira grande obra: *A Terra: descrição dos fenômenos da vida no globo*, em dois volumes, totalizando mais de 1.600 páginas (RECLUS, 1868 e 1869). Além disso, neste período intensificou ainda mais sua ação social em prol do anarquismo, inclusive candidatando-se à Assembleia Nacional, defendendo como plataforma a derrubada do império de Napoleão III e a volta da república (ANDRADE, 1985; VINCENT, 2010; FERRETTI, 2016).

Em 1871, após participar da Comuna de Paris, Reclus foi preso e condenado à deportação perpétua na Nova Caledônia, uma pequena ilha (um território francês), localizada na Oceania. Mas seu prestígio junto à intelectualidade europeia provocou reações

dos mais respeitados e prestigiados pensadores da época, como Charles Darwin. Assim, estes intelectuais criaram um movimento, solicitando sua libertação e de outros presos políticos. Diante destas pressões, sua pena foi substituída por 10 anos de exílio na Suíça (CUBERO, 2002; BOINO, 2010).

Em seu segundo período exilado, Reclus continuou escrevendo suas obras relativas à Geografia e ao anarquismo, ao mesmo tempo em que se envolvia ainda mais com os movimentos anarquistas europeus que, em virtude do exílio de seus membros, criaram uma rede de contatos por praticamente toda a Europa, com objetivo de articular de suas ações (CUBERO, 2002).

Também foi nesta época que ele firmou o contrato para a produção da sua segunda grande obra: *Nova Geografia Universal*, considerada a maior de toda sua carreira que, de acordo com o contrato inicial seria composta por 10 volumes. No entanto, a quantidade de dados e informações coletadas o fez rever o planejamento inicial junto à editora, que permitiu sua composição em 19 volumes (todos publicados originalmente entre 1876 e 1894), totalizando quase 18.000 páginas. (BOINO, 2010).

Reclus queria, ainda, escrever um vigésimo volume, uma espécie de conclusão da obra, no qual iria abordar a evolução da humanidade e aprofundar o aporte teórico-metodológico utilizado em suas análises. Entretanto, a editora não aprovou a ideia, o que o fez decidir escrever sua terceira e última grande obra geográfica: *O Homem e a Terra*, publicada em seis volumes (RECLUS, 1905, 1906a, 1906b, 1907a, 1907b e 1908).

De cunho metodológico, na qual analisa a evolução espacial e temporal da humanidade, esta é sua elaboração teórica mais densa e complexa, logo, a mais estudada por pesquisadores que objetivam entender seu método geográfico, ou seja, o aporte teórico-metodológico que compõe sua proposta de Geografia Social, a qual discutiremos mais adiante.

O pensamento libertário de Élisée Reclus

Reclus não foi um geógrafo ao qual poderíamos classificar como acadêmico, ou seja, pesquisador, professor e orientador universitário. Foi, na realidade, um anarquista-geógrafo, preocupado com questões sociais relevantes do seu tempo,

compreendidas além da Geografia, como bem destacaram Lacoste (1981) e Giblin (1981 e 2005a).

De acordo com Dunbar (1978, p. 9), Reclus afirmava constantemente: *sou geógrafo, mas antes de tudo sou anarquista*, ou seja, “do mesmo modo que sua geografia era necessária para o seu anarquismo, seu anarquismo enriqueceu sua geografia. Não podemos compreender Reclus se observarmos um sem o outro” (DUNBAR *apud* PELLETIER, 2011, p. 13-14).

Sua preocupação e rigor intelectual estavam centrados em premissas ácratas que, por sua vez, sustentavam seu método de análise baseado no movimento dialético evolução-revolução, o qual será analisado na última parte deste artigo. A Geografia produzida por Reclus está profundamente comprometida com a defesa da liberdade, com a contrariedade a toda e qualquer forma de coerção e esferas de poder: Estado, Igreja etc.

Por conseguinte, percebe-se que os pressupostos ácratas constituíram uma questão tanto moral – mas muito distinta da moral cristã-capitalista que ele muito criticava (RECLUS, 1896, 1900, 1904), – quanto científica na vida e na obra de Reclus. A contrariedade aos cerceamentos impostos pelo conjunto de valores cristãos e pela dinâmica econômica e social do capitalismo se constituiu como um dos pilares da sua produção intelectual e ação social.

Para ele, Igreja, Estado e os capitalistas atuam em conjunto, impondo normas, criando regras e valores que legitimam a dominação de uma classe sobre a outra, reproduzindo as injustiças da sociedade que está posta. Esta dominação é oficializada por instituições político-jurídicas que positivam as regras por meio da criação e do cumprimento das leis (RECLUS, 1900, 1902, 1904 e 1925).

Para Reclus, a sociedade ideal seria aquela:

Sem reis ou príncipes para exigir um juramento de lealdade, nem comandantes do exército para exigir lealdade à bandeira. Sem ministro da instrução pública para ditar lições e designar até as passagens dos livros que o professor terá que explicar. Sem comitê diretivo para exercer a censura aos homens e as coisas na entrada das casas das pessoas. Sem juízes para forçar uma testemunha a prestar um juramento ridículo e falso, implicando necessariamente perjúrio pelo próprio fato de que o juramento é em si uma mentira. Sem chefes, de qualquer

natureza, funcionário público, professor de escola, membro de comitê clerical ou socialista, chefe de família, para se impor, como um mestre, a quem a obediência é devida². (RECLUS, 1902, p. 22)

Para o pensamento ácrata de Reclus, a quebra da organização social que está posta, cerceadora e autoritária, apenas ocorrerá quando houver uma união entre camponeses e trabalhadores urbanos contra as imposições da moral que rege a sociedade (RECLUS, 1880b, 1896, 1889, 1902). Mas essa união deve ser precedida de uma tomada de consciência por parte dos trabalhadores, processo que deve ser iniciado pela militância anarquista junto à população e, posteriormente, pela educação baseado nos pressupostos científicos (RECLUS, 1902).

É importante salientar que o papel da militância precede a ação da educação formal na tomada de consciência e formação intelectual do indivíduo. Isso é explicado, de acordo com os pressupostos de Reclus, porque o modelo educacional formal que está posto é baseado na moral cristã/capitalista, ou seja, atua para legitimar a sociedade existente.

Assim, a tomada de consciência deve partir do questionamento, inclusive, do modelo educacional que está posto. Essa reflexão ocorre a partir da ação da militância. Em suma, é a partir do questionamento que a educação poderá mudar, direcionando-se à formação de cidadãos livres e reflexivos (RECLUS, 1908, p. 433-499).

Verifica-se, portanto, que uma característica marcante do pensamento ácrata reclusiano é o reconhecimento do potencial da educação, tanto como um instrumento de legitimação do poder hegemônico (impondo e reproduzindo uma “ordem” social de acordo com os interesses dominantes), quanto como potencial instrumento de conscientização e emancipação do espírito humano.

Por conseguinte, o modelo de educação imposto às pessoas pelo Estado capitalista e pela Igreja serve apenas à reprodução da sociedade injusta que estava posta, que impõe o cerceamento das liberdades, sobretudo dos camponeses e trabalhadores urbanos para que estes sejam moldados de acordo com os interesses das instituições ligadas ao poder constituído. (RECLUS, 1880b, 1880c, 1902)

A transformação da realidade até aqui apresentada

envolveria uma revolução, essencial para modificar as bases da sociedade que está posta. No entanto, esta revolução deve, necessariamente, estar ancorada no conhecimento científico e na educação transformadora, pois, para Reclus (1902, 1908), uma revolução só resulta em progresso quando promove a justiça social e está baseada no conhecimento científico (RECLUS, 1902 e 1908).

Nosso ideal comporta, portanto, para todo homem, a plena e absoluta liberdade de exprimir seu pensamento em todas as coisas, ciência, política, moral, sem outra reserva além de seu respeito por outrem; ele comporta igualmente, para cada um, o direito de agir a seu bel-prazer, de 'fazer o que quiser', associando naturalmente sua vontade à dos outros homens em todas as obras coletivas: sua liberdade própria não se encontra absolutamente limitada por essa união, mas cresce, ao contrário, graças à força da vontade comum³. (RECLUS, 1902, p. 23)

Nota-se que, por meio de debates relacionados a temas como educação, ciência, liberdade e emancipação, Reclus prega uma mudança radical dos alicerces da sociedade, ou seja, para ele, as bases da sociedade capitalista (propriedade privada da terra e dos meios de produção, Estado e Igreja, unidos na promoção da coerção e do cerceamento dos indivíduos) precisam ser transformadas para que haja um novo modelo social, mais humano, solidário e justo: para ele, a anarquia.

Mas, ele reconhece que a revolução para fundar os pilares dessa sociedade não será pacífica, porque os detentores do poder e dos privilégios não cederão facilmente às pressões da classe trabalhadora (RECLUS, 1902, p. 77). Reclus, portanto, não acredita que a Anarquia possa emergir como uma evolução da República, porque as duas formas de organização social possuem sentidos inversos. Em suas palavras:

(...) nada, nada de bom a nós poderá vir da República e dos republicanos 'bem-sucedidos', ou seja, daqueles que detêm o poder. É uma quimera da história, um contrassenso esperar algo da república. A classe que governa é fatalmente inimiga de todo progresso. O que move o pensamento moderno, da evolução intelectual e moral, é a parte da sociedade que sofre, que trabalha, que é oprimida. É ela quem desenvolve a ideia, é

quem a realiza, ela que, de solavanco a solavanco, constantemente liga esse veículo social, que os conservadores estão constantemente tentando parar na estrada ou afundá-lo em pântanos de direita ou de esquerda⁴. (RECLUS, 1902. p. 26)

A passagem da república para a anarquia deve ser realizada por meio de uma ruptura brusca, ou seja, por uma revolução, que poderia ser iniciada por um movimento grevista, dado o caráter solidário das greves na sociedade capitalista. Para Reclus, as greves, pontos de partida para a ação revolucionária, estabelecem um vínculo de solidariedade entre aqueles que reivindicam um direito por meio dela.

Essa associação direta, aliada ao espírito de solidariedade, pode formar a base sólida de uma revolução. (RECLUS, 1893 e 1902)

As greves, ou melhor, o espírito das greves, tomados em seu sentido mais amplo, vale especialmente a solidariedade que estabelece entre todos os que reivindicam um direito. Lutando pela mesma causa, aprendem a se amar. Existem ainda os esforços de associação direta que, também, contribuem cada vez mais para a revolução social⁵. (RECLUS, 1902, p. 41)

A partir do debate apresentado até aqui, compreende-se a profundidade com que o pensamento de Élisée Reclus está ancorado nas principais premissas ácratas do século XIX e no engajamento social. Assim, o conhecimento geográfico produzido por ele foi marcado pelo viés libertário com que analisou as relações homem-meio.

Reclus partia da premissa ácrata de que as pessoas não nascem nem boas, nem más, e nem mesmo neutras, mas com potencialidades que o meio desenvolve, ou não, e lhes confere sentido (PELLETIER, 2011a e 2011b). Tal apontamento demonstra, portanto, que Reclus não corroborava com as principais premissas filosóficas do século XIX, como será demonstrado a seguir.

A Geografia Social e o Método de Élisée Reclus

A partir do aporte teórico utilizado por Reclus, que vai de

Rousseau a Bakunin⁶, de suas premissas ácratas e de sua militância, ele propôs uma análise geográfica muito particular, relacional, social e universal, baseada no caráter dinâmico e contraditório das relações homem-meio (RECLUS, 1905; FERRETTI, 2014; ZAAR, 2015; SPRINGER, 2017). Este encaminhamento analítico foi construído principalmente a partir de sua crítica ao determinismo geográfico alemão, como detalhou em uma passagem da obra *O Homem e a Terra*:

É certamente essencial estudar à parte, detalhadamente, a ação específica de um ou de outro elemento do meio ambiente (frio ou calor, montanha ou planície, estepe ou floresta, rio ou mar) em uma determinada população. Mas é por um esforço de pura abstração que se busca apresentar essa característica específica do ambiente como se ela existisse distintamente e que se busca isolá-la de todos os outros para estudar sua 'influência essencial'.

Mesmo onde essa influência se manifesta de maneira absolutamente preponderante nos destinos material e moral de uma sociedade humana, ela é, contudo, entrelaçada por muitos outros elementos/fatores concomitantes ou contrários em seus efeitos. O meio é sempre infinitamente complexo e, portanto, o homem é afetado por milhares de forças diversas, que se movem em todas as direções, complementando umas às outras, direta ou indiretamente, em ângulos mais ou menos oblíquos, ou contrários à ação⁷". (RECLUS, 1905, p. 114-115)

Além do pioneirismo metodológico de Reclus para o pensamento geográfico do século XIX, Pelletier (2011a e 2013) ressalta a importância deste geógrafo quando este insere no debate geográfico o pressuposto de que o homem é parte do meio, apontamento que ficou bastante conhecido a partir da famosa frase do prefácio da obra *O Homem e a Terra*, de 1905: *l'homme est la nature prenant conscience d'elle même* (o homem é a natureza tomando consciência de si mesma - RECLUS, 1905, p. 4).

Seguindo este entendimento, ele coloca questões relacionadas à economia, a política⁸ e a ecologia como centrais para a geografia, conferindo a esta ciência uma perspectiva relacional ao destacar, por exemplo, a importância de se estudar natureza e sociedade em suas inter-relações, sempre em movimento (RECLUS, 1905, LACOSTE, 1981; PELLETIER, 2011, FERRETTI, 2014). Além disso, foi Reclus quem criou e inseriu nos estudos de geografia termos como o *environnement*, traduzido para a

a língua portuguesa como meio ambiente (ARNUCHIN, 1977). Também foi o primeiro a formular/utilizar a classificação *colônia de exploração e colônia de povoamento* (RECLUS, 1894 e 1908; ANDRADE, 1985; GIBLIN, 2005b).

Do mesmo modo, de acordo com Dunbar (1978), também foi ele quem criou o termo e a concepção metodológica para *Géographie Sociale* (Geografia Social) – que não deve ser confundida com a proposição da escola francesa, conhecida como Geografia Humana, pois um dos principais fundamentos da Geografia Social proposta por Reclus é a defesa da unicidade da Geografia e do compromisso que esta ciência deve ter com a transformação social.

Para Reclus, produzir ciência, sobretudo analisando elementos que afetam a vida das pessoas, é um trabalho extremamente sério e complexo, que exige rigor metodológico, comparações, classificações e responsabilidade. Neste sentido, a partir do seu método geográfico ácrata, se os aspectos naturais/físicos e humanos/sociais forem tratados separadamente, de forma dicotômica, ocultarão a dinâmica das relações e impossibilitarão uma compreensão do espaço em suas dimensões⁹. Esta característica do pensamento de Reclus foi muito bem analisada por Zaar, que aprofunda a explicação.

(...) ao defender a unicidade da geografia, e incluir a concepção de 'leis' que resultam de um processo contraditório que, engendrado pela combinação de diferentes elementos, move a humanidade a partir de períodos de progresso e retrocesso que se alternam. Sua acepção analítica contempla a compreensão do mundo a partir de uma dimensão espacial e temporal na qual os indivíduos e a sociedade possuem um papel histórico fundamental. Fundou, portanto, as bases de uma 'geografia social'. (ZAAR, 2015, p. 2 – grifo da autora)

Em relação ao compromisso social da ciência sob a ótica de Reclus, “o que mais importava era demonstrar a contribuição que a geografia poderia dar à solução dos problemas sociais (...) e explicar a origem desses problemas” (ANDRADE, 1985, p. 22). Portanto, para dar conta da análise proposta por Reclus em sua Geografia Social, o geógrafo destaca os três fatos/elementos que a fundamentam: a *luta de classes*, a *busca pelo equilíbrio* e a *decisão soberana do indivíduo*.

Em suas palavras:

(...) a 'luta de classes', a busca do equilíbrio e a decisão soberana do indivíduo são as três ordens dos fatos que nos revela o estudo da *géographie sociale* e que, no caos das coisas, se mostram muito constantes para que possamos dar-lhes o nome de 'leis'¹⁰. (RECLUS, 1905, p. 4 – grifos do autor)

Percebe-se que as *desigualdades* – ou como afirma Andrade (1985, p. 20), “o desenvolvimento desigual entre os indivíduos” –, e a *divisão da sociedade em classes* são dois elementos a serem combatidos, tanto pela militância anarquista, quanto pela ciência comprometida. O combate a estes dois elementos como alicerce do método analítico de Élisée Reclus fez com que alguns atribuíssem equivocadamente ao seu pensamento uma “dimensão marxista”, como foi o caso de Yves Lacoste (1981, p. 24).

Entretanto, ao analisar esta questão, Pelletier (2011, p. 14-15) ressalta que foi Proudhon quem primeiro teorizou o termo luta de classes, embora reconheça que os marxistas aprofundaram-se no debate. A perspectiva na qual Reclus trabalhou este conceito foi a de Proudhon e não a de Marx. Além disso, diferentemente dos marxistas, que se apoiavam em conceitos como *modo de produção*, Reclus partia sempre do pressuposto ácrata da ampliação da liberdade.

Para ele, a liberdade do homem em relação à Terra está ancorada na manutenção de sua existência, ou seja, da conservação do meio ambiente para a existência humana, premissa que o fez ser classificado como ecologista¹¹. No entanto, esse pressuposto foi elaborado por Reclus para sustentar sua crítica ao darwinismo social, pois não corroborava com as afirmações de que as leis que se aplicam à natureza poderiam ser transportadas aos estudos sobre o homem. Segundo ele, ao invés de tentar explicar a luta pela sobrevivência dos povos, a preocupação da ciência deveria ser com a compreensão da não fraternidade e harmonia entre eles (RECLUS, 1902).

Quando Reclus aborda o segundo elemento: a *luta pelo equilíbrio* (ou combate às desigualdades, que alguns teóricos do anarquismo, entre eles Kropotkin, denominavam mutualismo), ele está tentando construir uma interface metodológica que significaria um avanço em relação às descobertas da Biologia, sobretudo de Charles Darwin, e da Sociologia, sobretudo de

de Frédéric Le Play. (FERRETTI, 2014 e 2018; PELLETIER, 2013)

Afora a desigualdade e a luta de classes, quando Reclus destaca o terceiro elemento, a *decisão soberana do indivíduo*, está defendendo que nenhuma evolução pode ocorrer em benefício da população sem que haja aprimoramento individual dos cidadãos e participação popular. Neste terceiro elemento norteador da Geografia Social encontramos mais claramente a influência dos pressupostos ácratas, pois, no anarquismo, o aprimoramento do indivíduo está condicionado à sua libertação das amarras impostas pelas instituições do poder constituído (Estado, Igreja e Capital).

A partir da análise dos três elementos norteadores do método geográfico de Reclus, Philippe Pelletier afirma que “essas três leis e sua ‘pulsão libertária’ situam Reclus contra todos os determinismos sistemáticos e generalizados que atribuiriam no fim de contas toda causa e a origem de toda coisa ou ser a um princípio superior único, concepção tipicamente religiosa, metafísica e autoritária, seja Deus ou o Capital” (PELLETIER, 2011, p. 16 – grifo do autor).

No entanto, é preciso compreender como as três leis se articulam, como ocorre o movimento, a dinâmica que anarquista-geógrafo tanto destacou em suas obras políticas, teóricas e metodológicas¹², ou seja, os elementos das três leis de Reclus interagem para a compreensão do fenômeno. Para esse entendimento, é preciso partir do seu pressuposto de que a geografia é uma ciência que estuda relações, e que estas são dinâmicas.

Na ótica de Reclus, tempo e espaço, sociedade e indivíduo, evolução e revolução são pares dialéticos envoltos em processos repletos de contradições, que, por sua vez, vão delinear a análise realizada a partir da Geografia Social. As relações, bem como seus movimentos, são identificadas a partir da observação das transformações espaciais ocorridas no tempo. Nas palavras do pensador ácrata:

é a observação da Terra que nos explica os eventos da história, e esta nos reconduz, por sua vez, a um estudo mais aprofundado sobre o planeta, na direção de uma solidariedade mais consciente do indivíduo, ao mesmo tempo, tão grande e tão pequeno, como o imenso universo¹³. (RECLUS, 1905, p. 4)

A partir dos pressupostos da Geografia Social, as relações espaço-tempo e sociedade-indivíduo evoluem no bojo da dinâmica social, influenciam-na e são influenciadas por ela. É esta dinâmica que irá delinear os movimentos de progresso e retrocesso, marcas do que Reclus chamou de *Evolução*. Neste contexto, a compreensão conceitual do par dialético *Evolução* e *Revolução* em Reclus é fundamental para o entendimento do aporte que sustenta a Geografia Social.

Ao afirmar que evolução e revolução não são opostas, mas atos sucessivos de um mesmo processo (RECLUS, 1880c e 1902), Reclus contraria as definições mais conhecidas no século XIX, sobretudo a dos teóricos conservadores. Eles compreendiam evolução como algo ou processo sempre positivo (relacionado mais à vida biológica) e revolução como processo negativo, retrocesso, relacionado à dinâmica social destrutiva, uma espécie de desconstrução do arranjo social que está posto (RECLUS, 1880c, 1896, 1902).

Para Reclus, evolução é o movimento de tudo o que existe, social ou natural, devendo ser analisada sempre em sua inserção no tempo e no espaço. Já a revolução, que pode preceder, suceder e/ou ocorrer paralelamente à evolução, funda os alicerces de outra organização social (RECLUS, 1902). Este raciocínio é a base para a compreensão da dialética de Reclus envolvendo os dois conceitos.

Para Zaar (2015, p. 27), “este esforço teórico possibilitou a Reclus entender o método dialético como a energia e a dinâmica que move um processo que pode resultar em um equilíbrio relativo ou em uma inversão dialética”. Por conseguinte, “repleto de contradições, combinações, transformações e permanências, mas contínuo, o mesmo é superado devido uma evolução que leva a uma revolução e uma nova evolução que coexistem através do espaço e do tempo”. (ZAAR, 2015, p. 28)

A concepção do conceito de evolução e revolução como atos sucessivos de um mesmo fenômeno, contrários em sua essência e que se desenvolvem em uma 'espiral da civilização', com forma pouco geométrica e moldada pelos períodos de alternância de progresso e retrocesso social não linear, está na base teórica que orienta a sua metodologia. (ZAAR, 2015, p. 27)

A proposta metodológica de Reclus em sua Geografia Social representa, portanto, um grande avanço em relação ao debate

geográfico do final do século XIX. Reclus concebeu um significado relacional a importantes categorias como espaço, tempo, sociedade e indivíduo. Além disso, usou a dialética, baseada em movimentos de combinação e repulsão, para demonstrar que o meio geográfico não é linear, mas contraditório e sucessivo, conforme também apontou Zaar (2015, p. 27), quando conclui que Reclus,

(...) conseguiu apreender como o indivíduo, a sociedade, o espaço e o tempo se repelem e ao mesmo tempo se combinam em uma dinâmica que reflete a essência do mundo. Desvendou os estreitos vínculos simbióticos e antagônicos existentes entre os indivíduos e a sociedade (instituições políticas e sociais), e entre estes e a natureza, através do tempo (histórico) em função dos diferentes estágios de evolução e suas permanências, que levam a uma coexistência de pluralidades em um mesmo espaço.

Considerações Finais

O método proposto por Élisée Reclus em sua Geografia Social, quando situado no tempo e no espaço, representa uma grande contribuição e um enorme avanço aos estudos geográficos europeus do século XIX. Ao partir das premissas de que a Geografia é uma ciência que estuda relações em constante movimento e de que as dicotomias ocultam a gênese e a profundidade dessas relações, o anarquista-geógrafo contraria os principais aportes teórico-metodológicos do seu tempo e promove um enorme avanço do ponto de vista analítico.

Sua orientação ácrata, sua vida libertária, bem como seu compromisso intelectual em prol de uma produção científica voltada à transformação social, conferiram a Reclus um olhar crítico muito além do determinismo, possibilismo e darwinismo. Para Pelletier (2011, p. 14), ele “vai muito mais longe que o 'possibilismo' clássico desenvolvido por certos geógrafos contra a corrente determinista, pois não ignora a existência de leis geográficas”.

Além disso, ao propor que a sociedade se reproduz por um movimento dialético baseado no par evolução-revolução, marcado por movimentos de progresso e retrocesso, ele

questiona tanto os teóricos defensores do darwinismo social, que compreendiam a evolução como um movimento linear, quanto os teóricos conservadores da economia e da sociologia, que compreendiam, equivocadamente, revolução como destruição do que está posto, ou seja, apenas como uma quebra da “ordem” sem o estabelecimento de nada de novo.

No método de Reclus, não há, portanto, processos lineares de progresso ou retrocesso na história da humanidade. Seu desenvolvimento ocorre por meio de processos dinâmicos caracterizados por transformações, permanências e combinações movidos por impulsos e reações da natureza e da sociedade (RECLUS, 1905, p. 4-5; ZAAR, 2015, p. 18-19).

A compreensão de todo esse processo e o estabelecimento dos pilares para um arranjo social mais justo e solidário, sob o ponto de vista da Geografia Social, deve ocorrer a partir da aplicação das três leis gerais propostas: 1) análise da luta de classes, tendo em vista que a sociedade capitalista é reproduzida com base em interesses antagônicos; 2) combate às desigualdades, econômicas, sociais e políticas; 3) decisão soberana do indivíduo, ou seja, ampliação das liberdades em todas as suas dimensões, educação para a emancipação e formação cidadã e promoção da participação popular.

Notas

1. Houve uma verdadeira onda de revoluções que encerraram o regime monárquico, em 1848, iniciando a Segunda República.
2. No original em francês: Plus de rois ni de princes pour demander un serment d'allégeance, ni de chef d'armée pour exiger la fidélité au drapeau ; plus de ministre de l'Instruction publique pour dicter des enseignements, pour désigner jusqu'aux passages des livres que l'instituteur devra expliquer ; plus de comité directeur qui exerce la censure des hommes et des choses à l'entrée des «maisons du peuple». Plus de juges pour forcer un témoin à prêter un serment ridicule et faux, impliquant de toute nécessité un parjure par le fait même que le serment est lui-même un mensonge. Plus de chefs, de quelque nature que ce soit, fonctionnaire, instituteur, membre de comité clérical ou socialiste, patron ou père de famille, pour s'imposer en maître auquel l'obéissance est due. (RECLUS, 1902, p. 22)

3. No original em francês: Notre idéal comporte donc pour tout homme a pleine et absolue liberté d'exprimer sa pensée en toutes choses, science, politique, orale, sans autre réserve que celle de son respect pour autrui ; il comporte également pour chacun le droit d'agir à son gré, de "faire ce qu'il veut", tout en associant naturellement sa volonté à celle des autres hommes dans toutes les œuvres collectives : sa liberté propre ne se trouve point limitée par cette union, mais elle grandit au contraire, grâce à la force de la volonté commune. (RECLUS, 1902, p. 23)

4. No original em francês: Ainsi, rien, rien de bon ne peut nous venir de la République et des républicains «arrivés», c'est-à-dire détenant le pouvoir. C'est une chimère en histoire, un contresens de l'espérer. La classe qui possède et qui gouverne est fatalement ennemie de tout progrès. Le véhicule de la pensée moderne, de l'évolution intellectuelle et morale est la partie de la société qui peine, qui travaille et que l'on opprime. C'est elle qui élabore l'idée, elle qui la réalise, elle qui, de secousse en secousse, remet constamment en marche ce char social, que les conservateurs essaient sans cesse de caler sur la route, d'empêtrer dans les ornières ou d'enliser dans les marais de droite ou de gauche. (RECLUS, 1902. p. 26)

5. No original em francês: La grève ou plutôt l'esprit de grève, pris dans son sens le plus large, vaut surtout par la solidarité qu'il établit entre tous les revendicateurs du droit. En luttant pour la même cause, ils apprennent à s'entr'aimer. Mais il existe aussi des œuvres d'association directe, et celles-ci contribuent également pour une part croissante à la révolution sociale. (RECLUS, 1902, p. 41)

6. O filósofo iluminista suíço Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778) defendia que a sociedade deveria ser uma comunidade entre iguais e em harmonia, princípio que influenciou Reclus em sua defesa da liberdade e da igualdade entre os homens. Além disso, dos pensadores anarquistas, como o francês Pierre-Joseph Proudhon (1809 – 1865) e o russo Mikhail Bakunin (1814 – 1876), Reclus absorveu e amadureceu os princípios ácratas: luta contra toda e qual forma de poder e hierarquia, combate à propriedade privada da terra e dos meios de produção, poder transformador e libertário da educação ácrata, ideal de felicidade, entre outros.

7. No original em francês: Il est certainement indispensable d'étudier à part et d'une manière détaillée l'action spéciale de tel ou tel élément du milieu, froidure ou chaleur, montagne ou plaine, steppe ou forêt, fleuve ou mer, sur telle

peuplade déterminée; mais c'est par un effort d'abstraction pure que l'on s'ingénie à présenter ce trait particulier du milieu comme s'il existait distinctement, et que l'on cherche à l'isoler de tous les autres pour en étudier l'influence essentielle.

Même là où cette influence se manifeste d'une manière absolument prépondérante dans les destinées matérielles et morales d'une société humaine, elle ne s'entremêle pas moins à une foule d'autres incitatifs, concomitants ou contraires dans leurs effets. Le milieu est toujours infiniment complexe, et l'homme est par conséquent sollicité par des milliers de forces diverses qui se meuvent en tous sens, s'ajoutant les unes aux autres, celles-ci directement, celles-là suivant des angles plus ou moins obliques, ou contrariant mutuellement leur action. (RECLUS, 1905, p. 114-115)

8. É importante ressaltar que muitos estudos de geografia, anteriores, contemporâneos ou posteriores aos de Reclus, também tinham uma dimensão política (a exemplo de Ratzel, La Blache, Mackinder etc.), mas em diferentes perspectivas. Reclus enfatizou a dimensão política contrária ao Estado, além de aprofundar a dimensão social da disciplina. (RECLUS, 1889, 1902 e 1905; BOINO, 2010; PELLETIER, 2013; FERRETTI, 2014; SPRINGER, 2017)

9. Debate mais profundamente discutido pela geógrafa Miriam Hermi Zaar no artigo *Élisée Reclus e seu método geográfico* (ver ZAAR, 2015).

10. No original em francês: La « lutte des classes », la recherche de l'équilibre et la décision souveraine de l'individu, tels sont les trois ordres de faits que nous révèle l'étude de la *géographie sociale* et qui, dans le chaos des choses, se montrent assez constants pour qu'on puisse leur donner le nom de « lois ». (RECLUS, 1905, p. 4 – grifos do autor)

11. Ver Giblin (2005a) e Vincent (2010).

12. Ver Reclus (1880c, 1896, 1889, 1900, 1902, 1904, 1905).

13. No original em francês: C'est l'observation de la Terre qui nous explique les événements de l'Histoire, et celle-ci nous ramène à son tour vers une étude plus approfondie de la planète, vers une solidarité plus consciente de notre individu, à la fois si petit et si grand, avec l'immense univers. (RECLUS, 1905, p. 4)

Referências

- ANDRADE, Manuel Correia de (org.). **Élisée Reclus**. São Paulo: Ática, 1985.
- ANUCHIN, Vsevolod. **Theoretical problems of geography**. Columbus: Ohio State University Press, 1977.
- BERDOULAY, Vincent. **La formation de l'école française de géographie**. Paris: Éditions du C.T.H.S., 1995.
- BOINO, Paul. O pensamento geográfico de Élisée Reclus. In: RECLUS, Élisée (Ed.). **Da ação humana na geografia física / Geografia comparada no espaço e no tempo**. São Paulo: Editora Imaginário, 2010. p. 9-39.
- BRUN, Christophe (Org.). **Élisée Reclus: les grands textes**. Paris: Flammarion, 2014.
- BRUN, Christophe. **Élisée Reclus, une chronologie familiale: sa vie, ses voyages, ses écrits, ses ascendants, ses collatéraux, les descendants, leurs écrits, sa postérité (1796-2015)**. Tableaux généalogiques, documents, cartes. Raforum, 2015. Disponível em: <http://raforum.info/reclus/spip.php?article474&lang=fr>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- CAPEL, Horacio. **Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea: una introducción a la Geografía**. Barcelona: Barcanova, 1982.
- CHARDAK, Henriette. **Élisée Reclus: l'homme qui aimait la Terre**. Paris: Éditions Stock, 1997.
- CLAVAL, Paul. **Histoire de la géographie**. Paris: Puf, 2011.
- CHOLLIER, Alexandre, FERRETTI, Federico. **Savoir, c'est enseigner**. In: CHOLLIER, Alexandre, FERRETTI, Federico (Org.). **Élisée Reclus e Pierre Kropotkine: la joie d'apprendre**. Paris: Éditions Héros-Limite, 2018. p. 11-17.
- CUBERO, Jaime. Apresentação. RECLUS, Élisée. **A evolução, a revolução e o ideal anarquista**. São Paulo: Imaginário, 2002.
- DUNBAR, Gary. **Élisée Reclus: historian of nature**. Connecticut:

Archon Book - The Shoe String Press Inc., 1978.

FERRETTI, Federico. **Élisée Reclus**: pour une géographie nouvelle. Paris: Editions du CTHS, 2014.

FERRETTI, Federico. Breve cronologia da vida de Élisée Reclus (1830-1905). **Terra Brasilis (Nova Série)** [Online], 7, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terra-brasilis/1764>. Acesso em: 24 fev. 2020.

FERRETTI, Federico. Evolução e revolução: os geógrafos anarquistas Élisée Reclus e Pëtr Kropotkin e sua relação com a ciência moderna, séculos XIX e XX. **História, Ciência, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, jun. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702018000200553&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 30 mar. 2020.

GIBLIN, Béatrice. Élisée Reclus, 1830-1905. **Hérodote**, n° 22, 1981.

GIBLIN, Béatrice. Élisée Reclus: un géographe d'exception. **Hérodote**, n° 117, 2005a.

GIBLIN, Béatrice. Élisée Reclus et les colonisations. **Hérodote**, n° 117, 2005b.

LACOSTE, Yves. Géographicité et géopolitique: Élisée Reclus. **Hérodote**, n° 22, 1981.

MORAES, Antônio Carlos Robert de. **Geografia**: pequena história crítica. 20ª ed. São Paulo: Annablume, 2005.

PELLETIER, Philippe. Introdução. In: **Élisée Reclus**: anarquia pela educação. São Paulo: Hedra, 2011a.

PELLETIER, Philippe. A grande cidade entre barbárie e civilização em Élisée Reclus. In: COELHO, P. A. (Org.); **Élisée Reclus e a geografia das liberdades**. São Paulo: Editora Imaginário / Expressão & Arte Editora, 2011b, p. 95-124.

PELLETIER, Philippe. **Géographie e Anarchie**: Élisée Reclus, Pierre Kropotkine, Léon Metchnikoff et d'autres. Paris: Éditions du Monde Libertaire, 2013.

PROUDHON, Pierre-Joseph. Qu'est-ce que la propriété?

PROUDHON, Pierre-Joseph. **Qu'est-ce que la propriété?** recherche sur le principe du Droit et du Gouvernement. Paris: Lacroix Éditeurs, 1840.

RECLUS, Élisée. Les Républiques de l'Amérique du Sud : leurs guerres et leur projet de fédérations. **Revue des Deux Mondes**, Paris, p. 953-908, outubro, 1866.

_____. La Guerre du Paraguay. **Revue des Deux Mondes**, Paris, p. 934-965, dezembro, 1867.

_____. **La Terre**: description des phénomènes de la vie du globe – Tome I – Les Continents. Paris: Hachette, 1868.

_____. **La Terre**: description des phénomènes de la vie du globe – Tome II – L'Océan, L'Atmosphère, La Vie. Paris: Hachette, 1869.

_____. **Histoire d'un Ruisseau**. Paris: Hetzel, 1869.

_____. **Histoire d'une Montagne**. Paris: Hetzel, 1880a.

_____. **Ouvrier, prends la machine! Prends la terre, paysan!** Genebra: Imprimerie Jurassienne, 1880b.

_____. Évolution et Révolution. **Le Révolté**, n° 27, 21 février, p. 1-3. Genebra, 1880c.

_____. Pourquoi sommes-nous anarchistes? **Revue Internationale La Société Nouvelle**, n° LVI. Paris: Albert Savine, 1889.

_____. **À mon frère, le paysan**. Genève: Imp. Des Eaux-Vives, 1893.

_____. L'Anarchie. **Revue Temps Nouveaux**, n° 2. Paris: Publications Temps Nouveaux, 1896.

_____. L'Anarchie et l'Église. **Revue Temps Nouveaux**, n° 24, vol. III. Paris: Publications Temps Nouveaux, 1900.

_____. **L'Évolution, la Révolution et l'Idéal Anarchique**. Paris: Stock éditeur, 1902.

_____. Origines de la Religion et de la Morale. **Revue Temps Nouveaux**, n° 44. Paris: Publications Temps Nouveaux, 1904.

Nouveau, nº 44. Paris: Publications Temps Nouveau, 1904.

_____. Origines de la Religion et de la Morale. **Revue Temps Nouveau**, nº 45. Paris: Publications Temps Nouveau, 1904.

_____. Origines de la Religion et de la Morale. **Revue Temps Nouveau**, nº 46. Paris: Publications Temps Nouveau, 1904.

_____. Origines de la Religion et de la Morale. **Revue Temps Nouveau**, nº 47. Paris: Publications Temps Nouveau, 1904.

_____. **L'Homme et la Terre** – tome I – Les Primitifs et Histoire Ancienne. Paris: Librairie Universelle, 1905.

_____. **L'Homme et la Terre** – tome II – Histoire Ancienne. Paris: Librairie Universelle, 1906a.

_____. **L'Homme et la Terre** – tome III – Histoire Ancienne et Histoire Moderne. Paris: Librairie Universelle, 1906b.

_____. **L'Homme et la Terre** – tome IV – Histoire Moderne. Paris: Librairie Universelle, 1907a.

_____. **L'Homme et la Terre** – tome V – Histoire Moderne et Histoire Contemporaine. Paris: Librairie Universelle, 1907b.

_____. **L'Homme et la Terre** – tome VI – Histoire Contemporaine. Paris: Librairie Universelle, 1908.

_____. Développement de la Liberté dans le Monde. **Le Libertaire**, nº 22 (28 de agosto), Paris, 1925.

_____. Développement de la Liberté dans le Monde. **Le Libertaire**, nº 23 (04 de setembro), Paris, 1925.

_____. Développement de la Liberté dans le Monde. **Le Libertaire**, nº 25 (18 de setembro), Paris, 1925.

_____. Développement de la Liberté dans le Monde. **Le Libertaire**, nº 26 (25 de setembro), Paris, 1925.

_____. Développement de la Liberté dans le Monde. **Le Libertaire**, nº 27 (02 de outubro), Paris, 1925.

SARRAZAN, Hélène. **Élisée Reclus**: ou la passion du monde. Paris: Éditions du Sextant, 2004.

SPRINGER, Simon. **The anarchist roots of geography**: toward spatial emancipation. Saint Paul (Minnesota): University of Minnesota Press, 2017.

VINCENT, Jean-Didier. **Élisée Reclus**: géographe, anarchiste, écologiste. Éditions Robert Laffont: Paris, 2010.

VICENTE MOSQUETE, Maria Teresa. **Eliseo Reclus**: la geografía de un anarquista. Barcelona: Los libros de la frontera, 1983.

ZAAR, Miriam Hermi. Élisée Reclus e o seu método geográfico. **Biblio 3W - Revista bibliográfica de geografía y ciencias sociales**. [Online], vol. XX, nº 1123. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2015, p. 1-35. Disponível em: http://www.ub.es/geocr_it/b3w-1123.pdf. Acesso em: 25 fev. 2020.

Sergio Aparecido Nabarro - Professor do programa de pós-graduação (mestrado e doutorado) em Geografia da Universidade Estadual de Londrina. Entre 2019 e 2020 foi professor visitante no Institut de Géographie e pesquisador do Géographie-Cités, ambos da Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne) onde desenvolveu pesquisa de pós-doutorado sobre o modo de vida camponês e a questão agrária na obra de Élisée Reclus. Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP) com período de estudos e investigação na Universitat de Barcelona (UB - Espanha). Mestre em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Possui graduação em Geografia (Licenciatura e Bacharelado) e Especialização em Ensino de Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Recebido para publicação em 03 de maio de 2022

Aceito para publicação em 13 de junho de 2022

Publicado em 06 de setembro de 2022